

Uma História da Filosofia

40 Leibniz sobre o Mal

Por Arthur Holmes do Wheaton College

Bem, o que queremos fazer esta tarde, para concluir nossa discussão sobre Leibniz, é, em primeiro lugar, fazer alguns comentários sobre o problema da liberdade em Leibniz, que não tivemos tempo de abordar na última aula, e depois, como isso é um pré-requisito, entrar no problema do mal. A Teodiceia de Leibniz, da qual vocês têm um resumo na antologia, é uma das obras clássicas de toda a história do pensamento que trata do problema do mal. Portanto, é aí que nos concentraremos bastante.

Mas, claramente, se Leibniz, como pensador cristão, vai tratar do mal, em particular do mal moral, espera-se que ele recorra ao argumento do livre-arbítrio de Agostinho. E, conseqüentemente, a questão da liberdade humana torna-se muito importante. Ora, já vimos, neste período do século XVII, que pessoas como Thomas Hobbes e Bento Spinoza parecem rejeitar uma visão realista da liberdade da vontade .

Se distinguirmos entre realismo e antirrealismo em vários tópicos, então ambos são antirrealistas quanto ao livre- arbítrio . Embora tenhamos a impressão de fazer escolhas livres, essa experiência de livre escolha é simplesmente uma ideia confusa. A escolha em si é causada pelos processos causais que dominam tudo o mais.

Por outro lado, o outro extremo, se preferir, é o indeterminismo cartesiano. Porque, em virtude do dualismo mente-corpo, duas entidades separadas, não há necessidade de a mente, em seus conceitos, ser distinta das pessoas, em sua conceitualização , seu raciocínio, ou na afirmação ou negação que a vontade faz em relação ao que conhece. A vontade humana, segundo Descartes, parece operar em uma espécie de vácuo causal, uma situação completamente indeterminista, o que só é possível porque a mente, da qual a vontade é uma função, é uma entidade separada, funciona independentemente, não sendo dominada causalmente, embora ocorram conexões de causa e efeito entre mente e corpo em relação a estímulos físicos que produzem respostas sensoriais, sentimentos emocionais e assim por diante.

Mas a vontade permanece livre. Ora, Leibniz, nesse contexto, está, por assim dizer, entre a cruz e a espada. Que caminho ele escolherá? Mas lembre-se de que ele está desenvolvendo um sistema metafísico diferente.

O seu não é o tipo de materialismo mecanicista de um Hobbes , nem, por outro lado, se trata simplesmente de um sistema indeterminista em que tudo o que existe são causas eficientes e materiais, como no caso de Descartes. Lembre-se, ele está desenvolvendo uma metafísica teleológica. Ele fala de essências intrínsecas para cada mônada, de modo que esta possui sua própria potência preestabelecida para ser atualizada.

E você começa a entender, ao pensar na teoria dele sobre mônadas, que tudo o que uma mônada faz se deve à sua natureza intrínseca, que é, por assim dizer, pré-programada para funcionar daquela maneira. Ora, à primeira vista, isso parece implicar algum tipo de determinismo intrínseco, algum tipo de autodeterminação intrínseca. O que eu faço é determinado pela minha natureza individual, e todas as naturezas são individuais.

Determinado pela minha natureza individual. Mas a questão, então, se resume a isto: será que a minha escolha é determinada por quem eu sou, pela minha natureza?

E se for assim, será que posso modificar quem sou, minha natureza? Deixe-me repetir: será que minhas escolhas são determinadas pela minha natureza, por quem eu sou?

Ou se posso modificar minha natureza, quem eu sou, dentro de certos parâmetros. Em outras palavras, sou livre para influenciar minha natureza mesmo que não seja completamente livre para escolher? Se admitirmos que minhas escolhas são limitadas pela essência, que é minha, tenho algum poder para modificar minha essência de alguma forma? É assim que a questão parece se apresentar. Inicialmente, encontramos algumas passagens de Leibniz nas quais ele parece rejeitar o necessitarismo.

A visão de que as escolhas são necessárias. Uma questão de necessidade causal. Permita-me chamar sua atenção para duas delas.

Uma delas está na antologia, na página 223, que é o resumo que temos da teodiceia. E deixe-me ler o que ele diz na primeira coluna, mais ou menos um terço do caminho para baixo. A predeterminação dos eventos por causas é justamente o que contribui para a moralidade, em vez de destruí-la.

Você conhece a velha objeção de que o determinismo destruiria a moralidade porque nos privaria da responsabilidade individual. Então, a predeterminação dos eventos, diz ele, é o que contribui para a moralidade em vez de destruí-la. As causas inclinam a vontade sem a obrigar.

Certo, sanctor é uma espécie de liberdade residual. As causas inclinam a vontade sem a obrigar. É por isso que a determinação em questão não é uma necessidade.

Para quem tudo sabe, é certo que o efeito seguirá a inclinação. Mas o efeito da inclinação implica contradição. É também por uma inclinação interna como essa que a vontade se determina sem qualquer necessidade.

Suponhamos que alguém tenha a maior paixão do mundo, uma grande sede, por exemplo. Você há de admitir que a alma pode encontrar alguma razão para resistir a ela, se for apenas a de demonstrar sua capacidade de resistir. Assim, embora alguém nunca possa estar em um estado de perfeita indiferença, equilíbrio.

Existe esse vácuo causal. Você nunca está em um estado de equilíbrio. Pode sempre haver uma preponderância de inclinação para o lado escolhido.

Isso nunca torna a resolução tomada absolutamente necessária . Agora ele parece estar dizendo que sempre existe algum poder de escolha contrária, desde que haja essa inclinação. Mesmo que a única razão para resistir à inclinação seja mostrar o quão viril você é.

Você vai ver. Ainda existe o poder da escolha contrária. Parece que ele está defendendo algum grau de liberdade.

A página 229 contém algo semelhante. Trata-se da Seção 30 do Discurso sobre Metafísica. Seção 30.

Onde ele se refere à maneira como, e isso está na metade da primeira coluna, Deus, ao cooperar com as ações comuns, apenas segue as leis que estabeleceu. E o que ele parece estar dizendo na outra passagem, e também nesta, é que Deus, tendo estabelecido leis, também possui presciência completa. Presciência completa.

E como ele sabe o que será feito, pode-se dizer que está predeterminado. Isso não significa que seja necessário. Hipoteticamente, poderia ser diferente.

É como se houvesse uma razão suficiente, mas não uma razão necessária, para fazer essa distinção. Então, voltando à passagem 229: ele segue as leis que estabeleceu.

Ou seja, ele preserva e produz continuamente o nosso ser. Lembre-se de que o processo de criação é contínuo. A fulguração é uma transmissão constante do poder de ser.

Espontaneamente, existe esse determinismo interior. Ou com a liberdade nessa ordem que o conceito de nossa substância individual carrega consigo. Assim, o processo de pensamento e a sequência particular de ideias são uma expressão da liberdade de sermos nós mesmos.

E se isso pode ser previsto por toda a eternidade, em virtude do decreto de Deus de que a vontade sempre buscará o bem aparente em certos aspectos particulares , essa é a teleologia; Ele, sem exigir nossa escolha, a determina por aquilo que parece mais desejável. Assim, parece que Deus, ao nos criar, nos cria com um desejo por

aquilo que parece mais desejável, e é isso que fazemos. Ora, é claro que Deus pode fazer com que certas coisas pareçam desejáveis.

E assim por diante. Pois, falando em termos absolutos, nossa vontade, em contraste com a necessidade, encontra-se em estado de indiferença, sendo capaz de agir de outra forma. De suspender completamente sua ação.

Qualquer uma das alternativas permanece possível. Cabe, portanto, à alma estar atenta às aparências. Aparências, sim, aquilo que parece bom, mas na realidade não é.

Entende? Por meio de uma vontade firme. E para refletir.

Refletir. Recusar-se a agir ou decidir em certas circunstâncias, exceto após uma deliberação madura. Portanto, ele parece estar dizendo que podemos ser enganados pelas aparências, a menos que, e isso soa como Descartes e Spinoza, nos certifiquemos de uma compreensão clara como resultado da reflexão, da deliberação madura.

Certo. Nesse sentido, o que aconteceria é que a clareza de pensamento dissiparia a confusão sobre as aparências, e você perceberia que se trata de uma aparência enganosa. E, portanto, você desejaria algo diferente daquilo que você tem total liberdade para fazer.

Livre, ou seja, livre da sua inclinação natural para o que agora lhe parece bom. Portanto, aquilo que lhe parece bom, que é aquilo que você naturalmente se inclina a buscar, aquilo que naturalmente lhe parece bom pode mudar de aparência quando a mente adquire reflexão suficiente e discernimento maduro. Há outra passagem que creio que devemos comparar com essa.

Voltando à página 208 da Monadologia , parágrafo 30, ele acaba de dizer que é a razão que eleva os seres humanos ao conhecimento de si mesmos.

E de Deus. Para que, em virtude da racionalidade, possamos ter uma compreensão mais clara de nós mesmos e conhecer Deus como o bem. Em virtude da racionalidade.

Agora, no parágrafo 30. Pelo conhecimento das verdades necessárias e de sua abstração, elevamo-nos a atos de reflexão. Era isso que ele estava dizendo antes, que precisamos disso.

Precisamos refletir. Elevamo-nos a atos de reflexão que nos fazem pensar naquilo que se denomina "eu", a observar que isto ou aquilo está dentro de nós. É assim que,

ao pensarmos em nós mesmos, pensamos num ser de substância, no imaterial e no próprio Deus.

Conceber que aquilo que é limitado em nós é ilimitado nele. Assim, a reflexão nos dá uma ideia daquilo que é muito superior a nós, algo que deveríamos desejar. E dessa forma, toda a inclinação natural está ligada à clareza de pensamento e ao domínio da razão.

Agora, essas são as passagens que dão a impressão de que ele está defendendo a liberdade da vontade . Mas há um problema que surge quando passamos para a página 233. 233.

Que está nos trechos de uma obra mais fragmentária intitulada aqui de Primeiras Verdades. Primeiras Verdades e Verdades Necessárias. Certo.

E bem no final da página 232, você tem esse início de parágrafo em itálico. O conceito perfeito de um indivíduo. Ok, aí está a essência, a natureza .

Inclui todos os seus predicados, passado, presente e futuro. Portanto, tudo sobre um indivíduo está contido na natureza do indivíduo. Predicados futuros.

Ou seja, ações que são determinadas por um indivíduo. Escolhas determinadas por um indivíduo. Todas essas coisas sobre um indivíduo estão contidas na natureza do indivíduo quando esta é claramente compreendida.

Agora, à luz disso, no topo da primeira coluna de 233, portanto , no conceito perfeito de Pedro ou Judas. Certo, Pedro ou Judas. Considerado apenas como um objeto possível abstraído do decreto divino para criá-lo.

Estão presentes nesse conceito, vistos por Deus, previstos por Deus, todas as coisas que lhe acontecerão, necessárias e gratuitas. Portanto, é manifesto que Deus escolhe, dentre infinitos indivíduos possíveis, aqueles que Ele considera mais adequados aos fins supremos e secretos de Sua sabedoria. Assim, muitos outros indivíduos poderiam ter sido criados além de Pedro, que o negaria, e Judas, que o trairia.

Certo. Outros mundos possíveis. Este não é o único mundo possível.

Existem outros mundos possíveis nos quais não haveria Pedro nem Judas. Certo. Então, mais condizente com a sabedoria de Deus.

Não que ele decreta que Pedro deva pecar, ou que Judas seja condenado, mas sim que, em detrimento de outros indivíduos possíveis, ele decreta que Pedro, que certamente pecará, embora não necessariamente, mas livremente, e decreta a

criação de Judas, que sofrerá a danação, venham a existir. Veja bem, o decreto tem a ver com a existência. Ou seja, que um conceito possível se torne real.

Ora, admitindo que a futura salvação de Pedro esteja contida no conceito eterno e possível de Pedro, isso não exclui a intervenção da graça divina. Como é que Pedro, que o negou, seria salvo? Ora, em virtude da graça divina, que torna o próprio Deus desejável, mais do que no caso da negação. Entende?

Então, pela graça de Deus, Deus agindo naquele caso, sim, Pedro pôde ser salvo. Assim, os auxílios da graça divina também estão contidos no aspecto da possibilidade, isto é, na concepção de Pedro que inclui todos os seus atos e escolhas. Portanto, parece que ele está dizendo naquela passagem que ainda existe liberdade, não necessidade, mas é uma liberdade em virtude do que Deus faz.

A liberdade de encontrar a salvação. Liberdade, se preferir, de modificar a própria natureza. Nesse sentido.

Bem, então temos uma ambiguidade. Ele está optando por uma concepção de liberdade como indeterminismo? Ou está optando por uma concepção de liberdade como uma espécie de compatibilismo? Certamente parece estar dizendo que a liberdade é compatível com uma natureza preestabelecida. Uma natureza preconcebida.

Natureza predeterminada. É compatível com isso. Ele está dizendo que é possível que nossa natureza seja modificada, mas isso faz parte da predeterminação da natureza.

Ele está dizendo que somos livres para modificar a direção de nossos desejos, para modificar nossa natureza, quando, com reflexão, compreendemos o que é bom. Uma concepção clara de Deus, e Pedro o ama em vez de negá-lo. Ele ficou confuso com a traição.

Então, como você vai interpretar isso? A única peça que falta nesse quebra-cabeça, na minha opinião, tem a ver com a relação entre verdade contingente e verdade necessária. Quando ele fala sobre epistemologia, como já observamos, ele faz uma distinção entre as duas. Verdades contingentes dependem da ocorrência de certos eventos.

Eles não precisam ser logicamente. Agora, há uma passagem, que não está na antologia, onde ele fala do conhecimento próprio de Deus. E parece dizer que o conhecimento próprio de Deus é toda a verdade necessária.

Veja bem, do nosso ponto de vista, o que acontece com Pedro depende de certas coisas acontecerem. Depende de Deus, em sua graça, alcançar Pedro. Do nosso ponto de vista, é contingente.

Mas, do ponto de vista da pré-consciência de Deus, o que consideramos contingente é algo logicamente necessário para a perfeição do todo. Ele escolhe em função da perfeição do todo. Assim, parece que o princípio da perfeição, relacionado à natureza de toda a hierarquia e à sua compacidade, exige a existência de Pedro e Judas.

Entende? E que Pedro seja aquele que nega, e Judas aquele que trai. Ora, será que isso é um compatibilismo que se reduz ao determinismo? Essa é a questão.

E um indeterminista, como, por exemplo, Bill Hasker, que escreveu o pequeno livro de metafísica que alguns de vocês podem ter lido na série Indiversidade, um indeterminista fervoroso. Eu o tive como aluno de graduação quando lecionava um curso de teologia. E ele foi o arminiano mais anticalvinista, em termos de posicionamento político, que eu acho que já tive em sala de aula.

Um indeterminista fervoroso teologicamente, e agora também filosoficamente. E ele diria: sim, todo compatibilismo apenas desliza para o determinismo. É uma máscara para o determinismo.

Nada mais. Bem, deixo vocês com a questão. É ou não é? Estou inclinado a pensar que Leibniz não pretende ser determinista.

Mas ele não quer o livre-arbítrio no vácuo de Descartes. Ele é calvinista demais para isso. Mas não é calvinista o suficiente para ser um necessitarista.

Não é calvinista o suficiente? Acho que Calvino também não era um necessitarista. Então, seja como for. Bom, chega dessa história de determinismo da liberdade.

Alguma pergunta ou comentário? Estou curioso para saber o quão próxima a visão de Leibniz está da defendida por Pachelbel. É, eu não acho que, pelo menos nunca pensei em Leibniz seguindo essa linha de pensamento. Parece-me que foi uma linha que se desenvolveu no final da Idade Média e foi ressuscitada mais recentemente.

Não sei se há alguém no livro que aborda o conhecimento médio que tenha se inspirado em Leibniz nesse ponto, não sei. Falando sobre como isso está dentro de nós. Algumas dessas ideias soam como pensamento do século XX, como o de Whitehead.

Sim, sim. Whitehead foi influenciado por isso? Sabe, eu diria: espere até lermos Whitehead. Existem semelhanças.

Não vejo nada em Whitehead que atraia Leibniz. Ele é muito mais influenciado pelos idealistas do século XIX, como Hegel e Bradley. Por outro lado, Whitehead trabalhou por muito tempo com Bertrand Russell.

E um dos primeiros livros de Russell foi sobre Whitehead. Bem, corrigindo, foi sobre Leibniz. Então, é difícil dizer.

Para Whitehead, os constituintes últimos da realidade são bastante análogos às mônadas de Leibniz. E é uma analogia que pode ser bastante surpreendente. Ora, eu digo, não me lembro de nenhum trecho da obra de Whitehead em que ele expresse dívida para com Leibniz.

Mas, como eu disse, há uma seção de sua obra principal que eu gostaria de verificar. Talvez ele a consulte ao revisar alguns assuntos históricos. Mas existem semelhanças interessantes.

David? Bem, acho que devo começar por aqui. Não me lembro de ter ouvido ou lido Hasker criticando Leibniz. Na verdade, o que ele diz, e ele diz isso em seu pequeno livro de metafísica.

Isso configura algum tipo de compatibilismo em que as escolhas livres de alguém são causadas por sua própria natureza? Que natureza, por sua vez, é causada? Mesmo que haja algum feedback de nossas reações, que são causadas por modificações em nossa natureza.

Qualquer tipo de compatibilismo em que a liberdade seja causada por nossa própria natureza nada mais é do que determinismo. É simplesmente uma questão de causalidade interna, e não externa.

Essa é a queixa. Parece-me que o que Leibniz está tentando fazer é preservar não apenas a liberdade humana em certo sentido, mas também a liberdade de Deus de agir.

Note como Leibniz difere da visão deísta de Deus, na qual Deus criou uma pessoa e nada mais.

O Deus de Leibniz é aquele que continuamente concede a existência. Aquele que atrai a escolha de um indivíduo em virtude de sua graça. Portanto, ele é muito mais adequado teologicamente do que a visão deísta.

E parece-me que o que Descartes nos deu é uma espécie de visão deísta da liberdade humana. Ora, ele é pré-deísta, e creio que isso não foi intencional da parte dele. Mas a ideia parece ser: tudo bem, Deus lhe deu o livre-arbítrio, agora depende de você.

Bem, sabe, nenhum calvinista ficará feliz com isso. E acho que um bom arminiano também não deveria ficar feliz. Não, porque Deus continua ativo, envolvido conosco.

Então Leibniz não quer o indeterminismo de Descartes. Isso é muito claro. Sim.

Sim, observe que para Leibniz, como não há relação de causa e efeito entre mente e corpo, existem relações de causa e efeito entre os corpos, que são compostos, mas não entre mente e corpo, espírito e corpo. Segue-se que a mente, a vontade, está, portanto, livre de causalidade física. Veja bem, não há causas externas que possam determinar.

Tudo o que pode ser determinado é o interno. E a questão aí é se eu posso modificar a minha natureza. Veja bem, Deus pode, em virtude do contínuo processo criativo e da graça que é especial e atraente.

Mas sim, posso modificar minha própria natureza se pensar com clareza sobre o que me parece bom. Mas será que pensar com clareza é algo predeterminado? É aí que reside a ambiguidade. Sim, então o argumento de Hasker é que se o indeterminismo, ou melhor, se o necessitarismo está errado, se o compatibilismo se reduz a uma espécie de necessitarismo, então a única alternativa é, veja bem.

E eu acho que gostaria de pelo menos testar a hipótese de que Leibniz esteja fornecendo uma quarta alternativa. Sabe, sempre que você tem um argumento disjuntivo, A ou B ou C, e alguém argumenta que A está errado, B está errado, portanto C, bem, apenas provisoriamente, até que algum espertinho apresente D. Entende? E eu acho que Leibniz pode ter apresentado D. Muito bem, agora vamos ao material que temos, o esboço que distribuí sobre o problema do mal. Todos receberam um ou alguém ficou sem? Você tem um? Todos têm um? Passem um para o final.

Bem, o que eu fiz aqui foi reunir uma série de elementos que situam a abordagem dele sobre o problema do mal em seu contexto sistêmico mais amplo. Começando com material da monadologia. O princípio da razão suficiente implica uma causa final fora da sequência de eventos contingentes.

Um argumento teleológico. A causa final é um ser necessário e perfeito, totalmente bom e totalmente desejável. Na natureza, por outro lado, existem imperfeições.

Imperfeições que fazem parte da própria natureza das coisas. Há maçãs que apodrecem, e nossos corpos também são recicláveis. Imperfeições na natureza.

Por outro lado, ele fala de verdades eternas, conceitos de tudo na natureza. Na mente de Deus, tudo está preconcebido. Ele usa a palavra arquétipos, da tradição agostiniana.

A própria essência de Deus é existir. E há um argumento ontológico implícito aí, com o qual você está familiarizado. Mas a natureza, derivada da fulguração, sendo Deus a fonte de todo o ser, a natureza é harmonizada, não apenas de uma vez por todas no princípio e depois desestruturada.

Essa é quase uma concepção deísta. Mas a natureza está sendo continuamente harmonizada pela intervenção de Deus, bem como por sua atividade constante. E há repetidas vezes em que Ele usa as palavras "intervenção" e "ajuste".

Portanto, este é o melhor dos mundos possíveis. Existem outros que Deus concebeu. Mundos sem Judas ou Pedas.

O melhor dos mundos possíveis. E isso parece ser uma verdade a priori. Ele não está argumentando empiricamente que este é o melhor dos mundos possíveis, mas sim com base em pressupostos a priori.

Concordo, as concepções que ele vem construindo aqui em termos da hierarquia do ser. Agora, é essa noção de que este é o melhor dos mundos possíveis, que foi alvo de sátira por Voltaire em seu *Cândido*. Você conhece essa obra? O *Cândido* de Voltaire.

Nela, ele imaginou alguém viajando pelo mundo e descobrindo todas as coisas horríveis. E num terremoto catastrófico na cidade de Lisboa, encontrando, quem é mesmo, o Professor Pangloss, que significa "só conversa". Dá para imaginar a quem isso se refere.

O Professor Pangloss murmura enquanto caminha pelas ruínas: "Este é o melhor dos mundos possíveis. A crítica satírica da vida. O melhor dos mundos possíveis."

Bem, você encontra em vários lugares nessa passagem, nas seções 53 a 55, e também na seção 86, diversas passagens onde a razão pela qual este é o melhor dos mundos possíveis é que Deus é onisciente, onipotente e onibenevolente. Isso é reiterado repetidamente. Deus é onisciente, onipotente e onibenevolente.

Agora, se considerarmos essas proposições como uma, duas e três, e adicionarmos uma quarta proposição, teremos a formulação clássica do problema lógico relacionado ao mal. Isso porque a quarta proposição é logicamente incompatível com as três primeiras. Se Deus é onisciente, ele saberia o que fazer a respeito.

Se ele é todo-poderoso, ele poderia fazer isso. Se ele é totalmente bom, ele desejaria fazer isso. O mal existe, então pelo menos uma das outras premissas deve ser falsa.

Agora, a modificação usual é dizer, em termos do argumento do bem maior de Tomás de Aquino, e você encontrará isso também em Leibniz, ah, mas o mal é permitido para um bem maior. Então, a resposta usual é editar o quarto ponto e fazer com que ele diga: o mal sem propósito existe. O mal não serve a um bem maior.

O mal sem propósito existe. E é certamente isso que Leibniz está afirmando, que não existe mal sem propósito, porque este melhor dos mundos possíveis não é o corte transversal ali em 170 e alguma coisa do terremoto de Lisboa. Não se trata de denunciar o movimento da história e dizer: ah, vejam só, este é o melhor dos mundos possíveis.

Não. Mas é o processo geral que concretiza sua natureza com a graça de Deus, bem como com a obra criativa da natureza, de Deus na natureza em ação. Portanto, a combinação de natureza e graça está presente no melhor dos mundos possíveis.

Portanto, é preciso dizer que, em sua abordagem do problema do mal, Leibniz não trabalha com uma visão estática da natureza, mas com uma visão dinâmica, utilizando uma escatologia em sua análise do mal. E isso fica evidente se observarmos que a linha seguinte nas afirmações sobre a monadologia se refere à cidade de Deus. Esse é o télos.

Ou seja, ele vê todo o processo da natureza e da graça culminando na cidade de Deus na Terra. Essa é a concepção agostiniana. Agora, não suponha que isso seja uma peculiaridade do século XVII.

Lembre-se de que Francis Bacon, com sua visão de que conhecimento é poder e sua construção sobre o mandato da criação ao desejar aplicar o conhecimento científico à condição humana para melhorá-la, fala repetidamente do reino de Deus. Sua utopia científica é sua visão do reino de Deus. E o mesmo se aplica a Thomas Hobbes, veja bem.

O que ele aborda no Leviatã é uma sociedade civil que impõe a lei de Deus por meio do direito civil, e ele vê isso como o reino de Deus na Terra. Portanto, a noção de um reino de Deus na Terra era muito comum no século XVII. O movimento histórico em direção a essa ideia é o que dá origem ao conceito de progresso, que é uma das ideias cada vez mais dominantes no Iluminismo.

Otimismo em relação ao curso da história, um progresso rumo a algum tipo de sociedade ideal, algum reino de Deus na Terra. A inevitabilidade do progresso, como às vezes se apresenta, gera interesse no que hoje chamamos de filosofia da história.

Assim, a filosofia da história como disciplina em si, a história costumava ser tratada mais como o que se chamava de bela letra, boa escrita, escrita interessante.

Então, houve um interesse maior no tempo, no processo histórico, daí a ideia de progresso na história, entende? E isso floresceu no século XIX de maneiras românticas em termos de progresso, e veremos mais disso no segundo semestre, conforme avançarmos. Mas isso tem suas raízes aqui, na visão de Leibniz da cidade de Deus como o télos, o objetivo para o qual a natureza e a graça conspiram.

Bem, então, você tem alguns comentários sobre pecado e castigo, e parte da natureza intrínseca das coisas é que, no curso natural das coisas, até mesmo o pecado tem seu próprio castigo. Isso está embutido em toda a estrutura preestabelecida. Certo, agora temos a estrutura geral.

E na teodiceia, o que temos? Bem, a primeira seção da teodiceia, e numeramos as seções no resumo, trata do argumento do bem maior. O mal simplesmente faz parte dessa teleologia inclusiva mais ampla. Ele, como qualquer outra coisa e propriedade das coisas que emergem dentro da hierarquia do ser, contribui para a perfeição do todo.

E, considerando a escatologia, é preciso dizer, a longo prazo, o argumento do bem maior. Em Leibniz, isso se torna explicitamente um argumento do bem maior que inclui a graça de Deus e toda a visão do que Deus está fazendo no curso da história humana.

A segunda seção chega à conclusão óbvia de que o mal é, portanto, limitado. O mal é limitado. Ele só é permitido com um propósito e, portanto, limitado àquilo que pode servir a esse propósito.

Embora o bem seja ilimitado, o mal é uma privação do bem, como veremos mais adiante. Bem, ele passa disso para o argumento do livre-arbítrio, onde a ênfase recai na inclinação interna da vontade e em sua capacidade de resistir à paixão.

Essa é a passagem que li para vocês, a primeira passagem que li. E assim, na seção quatro, conclui-se que a permissão da liberdade humana, ou seja, a permissão para o exercício da liberdade humana, e a ocorrência do mal, ambas permitidas, estavam incorporadas na criação preconcebida para o bem maior. Na seção cinco, o mal, sim, é uma privação do bem, mas uma privação limitada e intencional do bem.

Seis e sete, voltando à natureza de Deus. Deus é bom. Capítulo oito, seção oito, voltando ao poder de Deus.

Deus não tem restrições em sua criação, cria livremente, pois poderia fazer de outra forma, e assim o faz. Há uma distinção entre necessidade metafísica e necessidade

moral, que Ele estabelece. Metafisicamente, Deus poderia ter criado muitos mundos diferentes deste.

Por que ele criou este mundo? Bem, era moralmente necessário que ele criasse o melhor dos mundos possíveis. Portanto, Deus age sob necessidade moral, e não metafísica. E a ambiguidade, a meu ver, em Leibniz, reside em saber se, em Deus, a necessidade moral realmente se reduz à necessidade metafísica em virtude da natureza de Deus.

Será Deus capaz de fazer algo que não seja moralmente correto? Então, essa é a questão. Se Deus tem conhecimento perfeito das verdades eternas, ele tem uma pré-compreensão perfeita de todas as coisas. E ele age no decorrer do tempo na natureza, de modo que todas as coisas de fato alcancem sua concretização.

Bem, você entendeu? Uma modificação desse tipo de abordagem, desenvolvida por alguns autores contemporâneos, é negar que este seja o melhor dos mundos possíveis. Admitindo que existam outros mundos possíveis, não poderiam existir outros mundos possíveis igualmente bons que este? Agora, você vê a vantagem de dizer isso. Deus ainda cria o melhor dos mundos possíveis, mas ele tinha total liberdade para criar outros, inclusive liberdade moral para criá-los.

Assim, nessa preocupação com a liberdade de Deus, alguns argumentaram a favor de outros mundos igualmente perfeitos, em vez de apenas um. Sim. E se alguém dissesse isso? Como você responderia a alguém que dissesse isso? Bem, ele já levou isso em consideração.

Veja bem, Leibniz leva isso em consideração, não é? Porque você usou "criar" no passado. Leibniz quer falar de Deus criando no presente. Então, a questão é que a criação, como ele a concebe, é uma relação contínua entre Deus e a natureza.

Bem, ele leva isso muito ao pé da letra. Qual a diferença entre os dois? O fato de Deus continuar a dar existência a tudo o que existe é exatamente o mesmo de antes. Deus sustenta na existência e continua a dar existência a criaturas cujas naturezas Ele preconcebeu, cujas naturezas foram inclusive modificadas por sua condição decaída, entende?

Deus mantém em existência, por assim dizer, pessoas em seus pecados. Sim. Entende ? Então, dentro disso, ele pode abarcar todo o quadro da ortodoxia bíblica.

É preciso inserir o contexto histórico para compreender a perspectiva bíblica. E ele conseguiu. Sabe, se considerarmos que a estrutura clássica do pensamento protestante reformado se baseia na criação, na queda e na redenção.

Bem, não é exatamente disso que Leibniz está falando? Criação, queda, redenção. Entende ? Então, ele está lidando com o problema do mal dentro dessa estrutura teológica, mas elaborou um sistema metafísico que a sustenta. Se preferir, o que Leibniz estava tentando fazer era desenvolver um esquema filosófico genuinamente cristão, intrinsecamente cristão, seguindo o modelo de alguns esquemas da Idade Média.

Mas uma que fosse adequada às questões de sua época. Já que este é o último dia de aula, sinto-me tentado a dizer: vá e faça o mesmo. Em outras palavras, tente ser completamente cristão em seu pensamento.

Bem, temos cinco minutos para comentários e sugestões. Ele era provavelmente protestante? Sim, sim, protestante, eu acho. Não, não vou dizer mais nada, mas definitivamente protestante .

Igreja muito ativa. Seu comentário sobre águas temperadas. O que isso faz? O que isso significa? Ah, se este não é o único mundo ideal possível, significa que Deus poderia ter criado alternativas a este.

Mas ele optou por não fazê-lo. Por que ele optou por não fazê-lo? Bem, certamente não foi porque ele se sentia moralmente obrigado a escolher apenas essa opção. Ele poderia ter escolhido as outras.

Ele não estava limitado metafisicamente. Ele poderia ter escolhido os outros. Então Deus escolheu livremente este.

Isso possibilita o tipo de ênfase que vários teólogos e filósofos católicos também fazem: que Deus amou criar e ama a sua criação.

Ele escolheu isso. Foi um ato de amor. Sim.

Sim. Não, não que Deus esteja limitado a si mesmo. Significa, sim, que Deus, em sua sabedoria, poder e bondade, percebe que, ao permitir que agentes livres pratiquem o mal ou que processos naturais de decomposição ocorram, Ele pode fazer com que essas coisas contribuam para um bem muito maior do que se as proibisse.

É melhor termos pessoas com liberdade, como costumamos dizer, do que um mundo sem criaturas livres. Essa é a implicação. Certo.

Repare em como muito do que ele diz se encaixa no discurso cristão tradicional sobre o problema do mal. Faz parte da tradição. Certo.

Por favor, pegue tudo com você na próxima semana.